

LIGAÇÕES ENTRE TERRORISMO E SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA DURANTE A GUERRA FRIA

Por Giuseppe Gagliano*



Julienauctions.com.

O terrorismo foi um fator muito importante na Guerra Fria, e seu emprego pelos serviços de inteligência não conheceu escrúpulos morais nem ideológicos.

Já não há dúvidas, seja no campo historiográfico, no contexto das comissões sobre os massacres ou no das avaliações e condenações do sistema de justiça italiano, que existiram durante a Guerra Fria – no contexto do assim chamada “estratégia de tensão” – uma colaboração muito estreita entre os serviços de segurança americanos, as estruturas da OTAN, os serviços de segurança italianos (o SID¹ por exemplo e a UAR² sob a liderança de Umberto Federico d'Amato) e organizações de extrema direita – como a Avanguardia Nazionale ou Ordine Nuovo – em uma função de desestabilização anticomunista e/ou autoritária.

No entanto, o público – mas certamente não a historiografia – está menos consciente das estreitas colaborações entre os serviços de segurança do Pacto de

¹ Servizio Informazioni Difesa (Serviço de Informações de Defesa): a agência de inteligência militar italiana de 1966 a 1977.

² Ufficio Affari Riservati (Escritório de Assuntos Reservados): o serviço de inteligência do Ministério do Interior italiano de 1949 a 1974.

Varsóvia – a Stasi da Alemanha Oriental e a KGB soviética – com o terrorismo, o Oriente Médio e a extrema esquerda da Rote Armee Fraktion (RAF³).

Começamos pelo terrorismo no Oriente Médio. No início da década de 1960, o principal representante do terrorismo no Oriente Médio, Wadie Haddad – líder da ala militar da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), amigo de Arafat, pelo menos inicialmente, e de George Habash – criou uma verdadeira rede terrorista em Beirute que operava na Europa Ocidental e no Oriente Médio com bases secretas em Roma, Paris, Zagreb, Argel, Bagdá e Mogadíscio. Foi apenas a partir de 1970 que esta rede terrorista conseguiu demonstrar sua eficácia implacável.

É muito significativo que em Paris tenha sido estabelecido um centro de coordenação para as ações da FPLP na Europa Ocidental. Após conflitos com Arafat, a sede do movimento foi transferida para Bagdá e Iêmen, controladas pelos soviéticos, onde Haddad criou um verdadeiro centro de treinamento para terroristas. Além da colaboração esperada e previsível com os serviços secretos do Iraque e do Iêmen do Sul, como aquela com o seu aluno mais famoso, Carlos, os arquivos desclassificados da URSS mostraram a estreita colaboração entre Haddad e a KGB através de líderes de rede ou residentes soviéticos presentes no Líbano, Iraque e Iêmen. Através deles, o líder da FPLP manteve a KGB informada sobre os ataques planejados e trabalhou com eles para monitorar a presença de agentes da CIA e da Mossad no Oriente Médio e, se necessário, eliminá-los. Em troca desta colaboração, a KGB forneceu armas, apoio logístico e informações à rede.

De uma perspectiva histórica, sabemos que havia uma relação muito estreita entre Haddad e o então (1974) diretor do KGB, Yuri Andropov, que informou diretamente o líder soviético Leonid Brezhnev. Contudo, dizer que os serviços secretos russos e alemães não foram, por sua vez, vítimas das disputas internas da galáxia terrorista do Oriente Médio seria um erro de ingenuidade. Foi o oposto: de fato, o terrorismo do Oriente Médio teve estados árabes como a Síria, o Líbano e o Iêmen do Sul como os seus principais patrocinadores.

Feito este esclarecimento, deve-se notar também que a Stasi protegeu os líderes do grupo palestino Setembro Negro após o ataque de Munique em 1972 das represálias do Mossad. Com efeito, o coordenador deste ataque, Abu Daoud, esteve várias vezes na Alemanha Oriental e estabeleceu contatos com os terroristas Carlos⁴ e Johannes Weinrich. Além disso, o mesmo líder operacional do Setembro Negro, Abu Hassan – que seria morto pelo Mossad em janeiro de 1979 em Beirute – foi o convidado do governo da Alemanha Oriental.

Uma análise cuidadosa e escrupulosa dos arquivos da Alemanha comunista mostra como a colaboração entre os serviços de segurança da Alemanha Oriental e da URSS se centrou numa função anti-imperialista e sobretudo antiamericana, mas também mostra como estes dois serviços estavam plenamente conscientes

³ *“Facção do Exército Vermelho”: organização terrorista da Alemanha Ocidental que defendia a guerrilha urbana, criada em 1968 e dissolvida em 1998.*

⁴ *Terrorista venezuelano cujo nome verdadeiro é Ilich Ramirez Sanchez.*

dos objetivos dos grupos terroristas do Oriente Médio e da Europa, conheciam seus organogramas e como os utilizavam ou infiltravam para alcançar os seus próprios objetivos, de acordo com uma escolha estratégica semelhante à feita pelos serviços secretos ocidentais com os grupos de extrema-direita dentro de uma função anticomunista.

Agora chegamos à colaboração com o terrorismo europeu de extrema esquerda. A Stasi estava ciente do nascimento da RAF já em 1970 e a gangue Baader-Meinhof foi a primeira a criar as condições para uma estreita colaboração com o serviço secreto da Alemanha Oriental. Na verdade, a Stasi tinha interesse em facilitar a criação de uma organização clandestina que praticasse a luta armada contra a Alemanha Ocidental. Mostrou clemência cúmplice para com as organizações terroristas da Alemanha Ocidental e forneceu-lhes apoio logístico e de inteligência. Além disso, ajudou a enganar os investigadores ocidentais e a alertar os ativistas sobre uma operação policial iminente.

A RDA via as organizações terroristas como organizações amigas, mas também como forças irregulares a serem utilizadas em uma guerra secreta contra a Alemanha Ocidental, em colaboração com as forças paramilitares clandestinas criadas pelo Pacto de Varsóvia em antecipação a um possível confronto com a OTAN. Mas o que é ainda mais interessante é o que emerge dos arquivos: o sistema de depósitos de armas enterrados nas florestas utilizado pela RAF era idêntico ao dos depósitos preparados pela Stasi para o “Stay Behind” do Pacto de Varsóvia. É difícil não pensar nos depósitos Nasco⁵ da rede Gladio⁶.

Ao mesmo tempo, a Stasi infiltrou-se maciçamente no movimento de revolta juvenil da Alemanha Ocidental porque o objetivo do regime da Alemanha Oriental era desestabilizar o sistema político ocidental. Mesmo no caso do Movimento 2 de Junho⁷, os principais líderes desta organização, nomeadamente Till Meyer e Inge Viett, eram leais à Stasi. Durante a fusão entre o Movimento 2 de Junho e a RAF, Inge Viett manteve contato estreito com o chefe da Divisão XXII da Stasi, Harry Dahl. Além disso, de acordo com os estudos aprofundados de Gianluca Falanga⁸, podemos afirmar que quando o terrorismo internacional não foi combatido, foi infiltrado e utilizado pragmaticamente para combater o imperialismo americano, seus aliados no Oriente Médio e na Europa.

Esta estratégia foi também utilizada pelos serviços de segurança ocidentais que, por razões semelhantes, utilizaram o terrorismo – por exemplo o da extrema direita, como foi amplamente documentado pelas investigações do poder judiciário e dos historiadores – para atingir objetivos políticos.

Outro fato concreto é que os serviços de segurança, tanto ocidentais como orientais, tinham um conhecimento profundo dos organogramas e objetivos de

⁵ Abreviatura da palavra italiana *Nascondiglio* (“esconderijo”).

⁶ Componente italiano das redes *Stay Behind* da OTAN criadas pela CIA.

⁷ Grupo anarquista da Alemanha Ocidental que defendia a luta armada com base em Berlim Ocidental, ativo durante a década de 1970.

⁸ <https://www.carocci.it/prodotto/la-diplomazia-oscuro>

todos os grupos terroristas. Não devemos esquecer que o terrorismo foi um fator muito importante na Guerra Fria, que foi em grande parte uma guerra secreta das forças armadas. A utilização do terrorismo pelos serviços secretos não conheceu escrúpulos morais nem ideológicos.

Voltando à Stasi, para demonstrar até que ponto a sua penetração na Itália foi eficaz e profunda, resulta dos arquivos que este serviço sabia que as organizações mafiosas tinham seus referentes dentro das forças da lei, da ordem e da justiça; Além disso, a Stasi destacou em um relatório a infiltração maciça dos Carabinieri e de outras unidades pelos serviços secretos italianos e pela CIA.

Isto demonstra a complexidade e a escala das operações de inteligência durante a Guerra Fria, onde alianças e colaborações cruzaram fronteiras ideológicas e geopolíticas. As ações e estratégias adotadas por estes serviços foram ditadas por objetivos políticos e estratégicos, muitas vezes desrespeitando princípios morais e legais. Este período da história destaca a importância crucial da inteligência e da contraespionagem nos jogos de poder internacionais, e evidencia como estas atividades ocorreram nas sombras, escapando à vigilância e ao controle.

Publicado no [Cf2R](#).

**Giuseppe Gagliano é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
